

**TEXTOS TEATRAIS E OS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE NA BAHIA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA A PARTIR DE UMA LEITURA FILOLÓGICA**

*Luana Dall'Agnol Ribeiro (UFBA)*

*Isabela Santos de Almeida (UFBA)*

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo compreender, à luz da Filologia e da Geografia, de que forma os textos teatrais “Xique-Xique” e “Auto da barca do Rio de Lágrimas de Irati”, ambos do Projeto Chapéu de Palha, ocorrido na década de 80, podem servir como instrumento de identificação de alguns dos territórios de identidade da Bahia, uma vez que trazem elementos paisagísticos, culturais e sociais das comunidades locais. A Filologia permite entender o texto sob vários aspectos, dentre eles, a partir do contexto social em que é produzido. No recorte aqui proposto, serão analisados os processos de produção e de recepção bem como a organização do suporte de cada um dos textos e de que forma atuaram os agentes envolvidos diretamente à realização desse projeto assim como este repercutiu nas comunidades locais. Os textos, aqui compreendidos como registro escrito de uma possível leitura da realidade em que foram construídos, serão analisados a fim de se identificar elementos identitários que caracterizem territorialmente os lugares retratados nas duas obras. A partir das informações presentes nos textos, serão compreendidos como possibilidade de leitura da realidade local por parte de quem os assina, Sônia Pereira e Jurema Penna, respectivamente. A Geografia, por sua vez, em suas discussões referentes à análise do território, considerando que este não se configura somente pelo seu caráter produtivo, mas também pelo seu caráter simbólico, possibilitará entender como os territórios de identidade se configuram na modernidade e a filologia auxiliará na identificação dos elementos identitários presentes nos textos teatrais aqui selecionados a partir da leitura filológica.

**Palavras-chave:**

**Identities. Textos teatrais. Filologia e Geografia. Projeto Chapéu de Palha**

**1. Introdução**

O projeto Chapéu de Palha, elaborado por Jurema Penna e financiado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia na década de 1980, teve como principal objetivo a retomada da cultura das pessoas que vivem no interior através de apresentações de teatro, em espaço público. O uso do termo “chapéu”, em seu título, embora faça referência a um mesmo objeto, é uma forma de tentar representar as suas especificidades culturais de cada localidade. Tendo como principal argumento o esquecimento desta cultura e seu possível desaparecimento, utilizava elementos folclóricos locais e baseava-se na coleta de informações advindas dos próprios moradores para a elaboração dos textos teatrais.

Neste artigo, dois dos textos de teatro do projeto serão utilizados para identificar aspectos geográficos relacionados a dois dos territórios de identidade da Bahia, sob a luz da análise filológica: “Auto da Barca do Rio de Lágrimas do Irati” (1983), assinado por Jurema Penna, e “Xique-Xique, chique história” (1984), assinado por Sônia Pereira. Ambos pertencem, atualmente, a territórios de identidade diferentes: Sertão do São Francisco e Irecê<sup>119</sup>, respectivamente. O primeiro texto foi elaborado e apresentado no município de Juazeiro e o segundo no município que dá nome à obra. Nestes dois espaços, a pesquisa para a aplicação do projeto possibilitou a descoberta de poetas e artistas que até então eram desconhecidos e que forneceram informações importantes sobre a cultura local.

Desta forma, pretende-se, a partir das análises desses dois textos, entender como as identidades locais aparecem em cada um deles e de que forma as mesmas podem novamente ser identificadas nos territórios de identidade, definidos anos mais tarde.

## 2. *Relações interdisciplinares entre a geografia e a filologia*

A ciência geográfica possui categorias de análise, dentre elas, o lugar e o território, essenciais para a compreensão das identidades de um determinado grupo social, uma vez que ambas estão relacionadas diretamente ao sentimento de pertencimento. O seu estabelecimento determinará o *lugar* e possibilitará compreender como o *território* se configura como *território de identidade*. Afirma Santos (2006, p. 81):

A transformação do todo, que é uma integral, em suas partes - que são as suas *diferenciais*, dá-se, também, por uma distribuição ordenada, no espaço, dos impactos do Todo, por meio de suas variáveis. As ações não se localizam de forma cega. Os homens também não. [...] É esse o próprio princípio da diferenciação entre lugares, produzindo combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular. (SANTOS, 2006, p. 81)

Os elementos que caracterizam o *lugar*, embora sejam integrantes de uma totalidade nele presente, não estão organizados e dispostos de forma aleatória. As relações estabelecidas entre os indivíduos que o constrói são permeadas de intencionalidades. Isso poderá ser observado em textos literários, o que permite uma análise geográfica a partir da crítica filológica.

---

<sup>119</sup> Conforme a divisão política territorial proposta pela SEPLAN, versão de 30 de Junho de 2015, que não existia no momento de aplicação do Projeto Chapéu de Palha.

O seguinte fragmento de uma entrevista feita com Jurema Penna (1984) ilustra como a escolha do elemento chapéu remonta à ideia de resgate de uma cultura ao mesmo tempo em que corresponde às singularidades de cada um dos lugares por onde o projeto passou:

– Na procura de um signo para um projeto apto a evidenciar as características de comunidade e que, ao mesmo tempo, marcasse o nosso objetivo maior – revitalização da cultura, tendo como centro o homem do interior – encontramos o chapéu de palha. [...] Um chapéu de palha, no teatro, define um personagem, sua condição sócio-econômica, sua profissão, até mesmo sua região. (PENNA, 1984)

A Filologia tem por objetivo o estudo do texto, considerando desde seu processo de construção e edição até sua transmissão, circulação e recepção. O contexto sociocultural no qual é produzido também é um fator importante para o trabalho filológico que tem também a intenção de entender todo e qualquer elemento que possa ter influenciado a sua elaboração.

A análise filológica dos textos teatrais, aqui proposta, consiste em uma possibilidade de leitura, compreendendo que a produção dos sentidos está intrinsecamente relacionada ao seu contexto histórico, político e social, assim como aos recursos linguísticos usados em sua escrita, que remontam intencionalidades. Daí a sua proximidade com outras perspectivas do conhecimento, o que denota seu caráter interdisciplinar.

Para Borges (2012),

O texto é, portanto, um produto cultural carregado de significação e, dessa forma, torna-se um caminho para estudar diferentes relações. Assim sendo, a Filologia caracteriza-se por sustentar uma investigação de natureza interdisciplinar, que envolve a Crítica Textual, Crítica Genética, a Bibliografia Textual, a Sociologia do Texto, a Linguística, os Estudos Literários e a História Cultural. (BORGES, 2012, p. 25)

Para além dos exemplos citados por Borges (2012, p. 25), o caráter interdisciplinar da Filologia possibilita à análise geográfica o seu enriquecimento. Tomando como premissa a perspectiva de que as ciências podem se valer do conhecimento desenvolvido por outras áreas, o estudo geográfico aqui avança, ao associar-se à Filologia.

A noção de Crítica Filológica que permeia este trabalho trata da perspectiva tal qual aponta Santos (2012, p. 48): “compreender as interrelações entre os conteúdos produzidos historicamente no texto e os mecanismos (linguísticos-discursivos) produtores de significados no texto.”. A seleção por determinadas palavras na elaboração textual mostra como as

autoras em questão constroem seus textos a partir de sua percepção do recorte social, político, dentre outros, ali apresentado. Essa escolha permite entender quais elementos são levados em consideração e o que se pretende mostrar no texto produzido.

Recorrer ao labor filológico para a compreensão de uma dada sociedade, através dos seus textos, possibilita às outras áreas do conhecimento como a Geografia, por exemplo, a ampliação de leituras sobre as mais variadas realidades que se apresentam em determinados espaços. Para Santos (2004, p. 153), “[o] espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como um testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente.” A Geografia se ocupa também das transformações que ocorrem em um determinado espaço procurando entender como o mesmo é construído e transformado constantemente, ao longo do tempo. Isso interfere diretamente no entendimento do *lugar*, em suas relações. A forma como isso se expressa no texto, promove a interdisciplinaridade aqui discutida.

É possível entender as relações sociais, pertencentes a um determinado espaço, em textos literários. Estudos geográficos são apresentados, na sua maioria, em diálogo com outras áreas do conhecimento como a História, a Economia ou a Física, a depender do objeto de estudo. Embora a Geografia tenha passado por algumas etapas de sua interdisciplinaridade<sup>120</sup>, mudanças consideráveis quanto à sua perspectiva de análise vêm ocorrendo e os recortes feitos a partir da Literatura vêm ampliando o seu campo de atuação.

Para uma reflexão interdisciplinar sobre os textos teatrais em questão, é possível estabelecer vínculos entre as perspectivas geográfica e filológica a partir das relações sociais estabelecidas em cada uma. A primeira, as coloca como responsáveis pela construção de cada um dos lugares representados; e a segunda, que considera os agentes que influenciaram toda a elaboração, execução e circulação dos textos correspondentes.

---

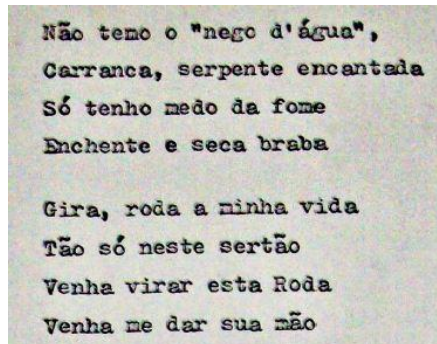
<sup>120</sup> Segundo Santos (2004, p. 134-137), a Geografia teria passado por três etapas de sua interdisciplinaridade: a primeira, caracterizou-se pela proximidade com a História, no início do séc. XIX; uma segunda etapa na qual os geógrafos modernos passaram a entender essa ciência como uma ciência autônoma, o que teria gerado seu empobrecimento, posto que outras disciplinas refletiriam sobre contextos que poderiam ser tratados pela Geografia; por fim, a terceira etapa, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, em que se fez necessário entender que os conhecimentos de outras disciplinas poderiam auxiliar no entendimento de fenômenos geográficos.

Afirmam Almeida e Borges (2018):

A materialidade dos textos nos informa sobre suas características culturais: os suportes de escrita (papéis), os instrumentos, as tintas, disposição da escrita no espaço gráfico, o uso do mimeógrafo ou de outro instrumento para sua reprodução (textos mimeografados, fotocopiados, xerografados). (BORGES, 2018, p. 143)

Os textos aqui considerados foram datilografados. Tanto para análise geográfica quanto para a filológica esse é um dado importante. Primeiro por indicar um elemento tecnológico como resultado das relações estabelecidas entre uma determinada sociedade e o meio em que vivem, o que caracteriza o lugar analisado; segundo porque para a Filologia demonstrará o recurso disponível no momento para a elaboração do texto, o que permite uma análise sobre o contexto de sua produção. A imagem a seguir ilustra o uso da máquina de escrever resultando num texto datiloscrito

Figura 1 – trecho do texto “Auto da Barca...”



(PENNA, 1983, f. 21)

Neste trecho observam-se elementos importantes que fazem referência a aspectos geográficos como as expressões “enchentes”, “seca” e “sertão”, todos associados entre si uma vez que compreendem características específicas do Sertão Baiano. Compõe um dos exemplos das possíveis reflexões que podem ser feitas aliando Geografia e Filologia.

Sobre o estabelecimento de sua relação com a comunidade local, Penna (1984) relata:

– Faço o primeiro contato. [...] Solicito então, num primeiro contato com o Prefeito local, uma reunião com os animadores culturais de todas as áreas,

animadores esses que vão desde o professor de formação artística e o Secretário de Educação, até o anônimo que faz o Judas no bairro mais distante da cidade. Fico muito atenta ao que havia na cidade e que começa a perder-se ou foi totalmente esquecido. [...] Nesses contatos, investigo o que resta da história da cidade na lembrança popular, o que resta dos personagens históricos, não só os oficiais, mas os da tradição oral. E só então o curso é marcado. (PENNA, 1984)

A partir da relação estabelecida com as pessoas do *lugar*, Jurema Penna procura entender os elementos que o compõem culturalmente. Então, ministra o curso que resultará na culminância do projeto com a apresentação teatral elaborada. Este relato mostra como as relações são importantes e que como são responsáveis tanto pela constituição do *lugar*, como espaço vivido, assim como para sua leitura e análise.

Entender este resulta no processo de territorialização. Os indivíduos envolvidos vivenciam a produção destas territorialidades e são, ao mesmo tempo, o produto da relação estabelecida entre eles próprios e entre o coletivo e o território. Tais configurações vão fortalecendo as relações de poder nas quais os seus atores vão ganhando evidência. Isso os torna capazes de exercer influência direta nas mudanças ocorridas nesses espaços, o que também os transforma enquanto indivíduos e isso reflete diretamente na coletividade.

Como territorialidade entende-se “[...] um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema” (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Isso implica na afirmação de que pensar os territórios de identidade requer pensar nas relações estabelecidas na sociedade presente nestes espaços, em um período de tempo. A partir daí, tem-se desenhada a territorialidade que se configura a partir das suas diferenças em relação a outras territorialidades.

No momento de aplicação do projeto, o Estado foi o agente financiador. Elegeu quem estaria à frente do mesmo e fomentou o acesso da comunidade local ao estimular a sua participação na atuação teatral. As autoras aplicaram entrevistas, tiveram contato direto com as pessoas que seriam envolvidas na apresentação das peças e buscaram apoio das autoridades locais para auxiliar na sua execução. A busca era por elementos de raízes considerados esquecidos e as relações criadas foram essenciais neste processo.

Neste momento torna-se claro como as relações estabelecidas foram essenciais tanto para o projeto quanto para uma ressignificação do *lugar*. Anos mais tarde, Juazeiro e “Xique-Xique”, palco das

apresentações e lugares representados, vieram a integrar territórios de identidade com cunho político-administrativo.

Sobre a definição dos mesmos, na Bahia, Flores (2014, p 31) afirma que “[o] primeiro desafio foi o de delimitar esses territórios, ou seja, promover a discussão a fim de que os agentes locais, de maneira articulada, – partindo de relações de identidade, sobretudo rural – tornassem possível delimitar esses territórios.” Essa organização foi utilizada a partir de 2007, com o então governador Jaques Wagner, cujo objetivo era puramente administrativo. O uso desse recorte era para atender demandas de caráter social e determinar ações por parte do Estado.

Ainda que, na década de 80, o Estado não tivesse esse objetivo político-administrativo como em 2007, o fato é que ele levou em consideração a população rural nos dois contextos e os vínculos sociais foram levados em consideração, seja pela perspectiva cultural, no primeiro, ou econômica, no segundo.

Se a crítica filológica permite entender as relações sociais que permeiam a construção do texto e a Geografia entende que o espaço para ser compreendido a partir do *lugar* precisa entender as mesmas relações sociais, é pertinente que isso possa ser feito a partir do texto literário também.

### **3. Leituras sobre identidade e território no projeto chapéu de palha**

Para entender a formação dos territórios de identidade é necessário reconhecer a existência dos espaços de vivência que são, por si só, a representação de como a sociedade se relaciona com este território dando a ele um significado. Os *lugares*, fragmentos deste espaço, apresentam relações diferentes entre si considerando que “[o] espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual” (SANTOS, 2004, p. 153).

Assim sendo, cada *lugar* poderá ser entendido a partir de suas singularidades. Nos dois textos de teatro observa-se a intenção por parte das autoras em trazer à tona tais singularidades. No seguinte excerto de “Xique-Xique...”, a seleção de palavras remonta à prática da pesca, atividade econômica desenvolvida na região.

BANHADA PELO VELHO CHICO  
E SEU AJUDANTE \_ O IPUEIRA  
DE CURIMATÁS? SURUBIN , PIRANHA  
POCONON , MANDIN , DOURADO .  
(PEREIRA, 1984, f.1)

Para Haesbaert (2017), o lugar

(...) é criador de conexões, afetividades, identidades, em suma, diferenças. É como se, muito mais do que controlarmos concretamente um espaço, primeiro, em plena interação conosco, o próprio espaço nos convocasse a habitá-lo, convidando-nos a realizar nossa vida pelo aprofundamento dos elos afetivos vividos, transformando-se o espaço, para nós, efetivamente, num lugar. (HAESBAERT, 2017, p. 14)

A forma como os grupos humanos se apropriam do território transformando-o em um *lugar* é entender como o sentimento de pertencimento vai se configurando a partir de uma identidade, neste espaço, criada. Compreender de que forma isso se apresenta no texto escrito é o que aqui se discute.

Nos excertos analisados, os elementos que aparecem caracterizando Juazeiro, relacionam-se com aspectos regionais tais como a sua localização na área da caatinga e da população pertencente ao meio rural, sendo esses traços marcantes do povo nordestino, naquela localidade; já os que caracterizam Xique-Xique se relacionam com a religiosidade católica e a economia regional, a pesca. Aspectos econômicos também são identificados no respectivo território de identidade, na atualidade, embora estes sejam analisados a partir do caráter político-administrativo tal como afirma Flores (2004):

Essa nova divisão territorial do Estado da Bahia suplanta antigas regionalizações calcadas principalmente em indicadores econômicos, como regiões econômicas, as regiões administrativas, trazendo consigo, ao menos em tese, um avanço no tocante às possibilidades de planejamento. (FLORES, 2004, p. 51)

Ao se pensar sobre a identidade afirma Hall (2006, p. 12) “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. O que se nota com o projeto Chapéu de Palha é uma tentativa de legitimar uma identidade, brasileira, baiana e nordestina, sob o enfoque dos seus idealizadores, mesmo que fosse de conhecimento de que este símbolo, o chapéu, não tivesse o mesmo significado cultural em cada um dos locais por onde o projeto passasse. A multiplicidade identitária do sujeito pós-moderno é tensionada diante da proposta de estabelecimento de uma única identidade, esquecida.

Os territórios de identidade, por sua vez, vão se configurando a partir do momento em que atingem sua função simbólica, saindo da perspectiva pura de apropriação, caracterizando-se como um símbolo da



identidade criada pelo grupo que sobre ele exerce influência, delimita e transforma. Para Haesbaert (1995, p. 24),

Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda referência ao ‘real’, podemos associar essas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há ‘espaços’ ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material”. (HAESBAERT, 1995, p. 24)

Observa-se essa simbologia presente no seguinte excerto de “Auto da Barca...”:

“TODOS – Boa noite amigos!

– Boa noite barranqueiros!

– Boa noite caatingueiros!

– Boa noite nordestinos!” (PENNA, 1983, f. 1)

A identificação de determinadas expressões como “caatingueiros” e “nordestinos” utilizadas por Jurema Penna e o reconhecimento da sua escolha mostra como o resgate de elementos simbólicos identitários se fez presente na elaboração de sua escrita. Outras palavras poderiam ser escolhidas, no entanto, sob a sua perspectiva essas são as mais adequadas para representar a população rural daquele território apresentado, focando na sua territorialidade. É neste momento, pois, que *lugar* é colocado da sua forma mais singular, particularizada. Acaba por compor e definir o que é identitário caracterizando, assim, o *território*.

Pensar a territorialidade expressa neste texto escrito de Jurema Penna é dialogar com textos diferentes, mas que se espelham, em parte: os diversos elementos identitários presentes no território, previamente selecionados e retratados no texto teatral, de forma a compor no registro escrito e os aspectos geográficos nele identificados. As palavras aqui colocadas são assinadas pela artista a partir da sua leitura e percepção de como este território se apresentava para ela, naquele momento.

A busca pela memória do povo de Juazeiro assim como em “Xique-Xique...” aponta para a tentativa de resgatar a sua história e reafirma a ideia de um território que pode ser lido, no texto teatral, uma vez que tem valor simbólico.

Em “Xique-Xique...” (1984), tem-se:

EU NASCI EM XIQUE-XIQUE

TERRA DO PAU DO ESPINHO  
O PADROEIRO DE XIQUE-XIQUE  
É O SENHOR DO BONFIM (PEREIRA, 1984, f.4,5)

Em “Auto da Barca...”, tem-se:

valei-me meu Padim Ciço (PENNA, 1983, f.3)

Nos dois excertos há a presença de duas referências religiosas em “SENHOR DO BONFIM” e “Padim Ciço”. Simbolizam a fé praticada naquelas territorialidades caracterizando suas singularidades. É nesse momento que a identidade aparece.

Outro fator importante na determinação da identidade é o retorno à memória. Significa um retorno às origens de um coletivo. Relembrar a infância, em um certo momento e espaço, é apresentar o vínculo afetivo que este grupo possui em relação a este local, o configurando como um lugar vivido que está, por sua vez, caracterizando o território de identidade. Como exemplo, o seguinte excerto de “Auto da Barca...”:

MISTO 1 água do meu primeiro banho  
água do meu batismo (PENNA, 1983, f.10)

A água do São Francisco é colocada com um símbolo de memória: o “meu primeiro banho” e “meu batismo”. São exemplos da relação entre o indivíduo e este elemento natural que acaba por ser utilizado como elemento simbólico deste território, também de mesmo nome, do qual Juaizeiro faz parte.

Ainda que a definição desses territórios tenha ocorrido após a aplicação do projeto, isso não inviabiliza as discussões sobre identidade e o resgate da cultura a partir da memória de seu povo no momento de sua execução. De fato, essa tentativa de um resgate identitário contribuiu para a posterior definição destes espaços, uma vez que a divisão territorial recente considerou novamente a população rural como um elemento importante neste processo de delimitação territorial.

Outro símbolo utilizado é o cocar que aparece no seguinte excerto de “Xique-Xique...”:

OBS: ENQUANTO DESMANCHAM / CENA ANTERIOR OS ATORES TIRAM A DE DENTRO DE SUAS VESTES UM COCAR E COLOCAM NA CABEÇA. ESTA É A UNICA INDUMENTARIO QUE CARACTERIZA OS INDIOS.

MÚSICA DILUI EM MÚSICA DE PESCADORES RETIRANDO ASSIM, OS ATORES OS COCARES E SIMULTANEAMENTE COLOCANDO UM CHAPÉU DE PALHA NA CABEÇA. (PEREIRA, 1984, f.2)

Nota-se o uso de símbolos que representem a busca por uma identidade nacional, mas que, ao mesmo, singulariza este *lugar*.

Nas sociedades modernas, os elementos de caráter simbólico ganham voluptuosa (re)significação. Para Hall (2006, p. 17) “seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados.” Isto permite elucidar que, embora se tenha tentado estabelecer uma identidade cultural, a mesma passou a existir em contraste com outras identidades assim como afirma Penna (1984) “[p]ois o chapéu de palha do praeiro sul nada tem a ver com o praeiro do norte, na palha e na própria maneira de usar. [...] É diferente, embora seja sempre o chapéu de palha,...”

Sob a luz dos objetivos do projeto, é possível identificar no excerto do texto “Auto da Barca...” fragmentos que comprovam também o sentimento de pertencimento do seu povo a este território. A palavra “fio” e a expressão “cordão umbilical” denotam aspectos ligados ao vínculo estabelecido entre o indivíduo e aquele local ao afirmar que este processo é “indestrutível”:

MISTO 1	Indestrutível é o fio que a ti me prende cordão umbilical que nem o tempo cortou
MISTO 2	Aceitei teu desafio e desafiando memória
MISTO 3	vejo cidades submersas Cidade Nova, Remanso Sento-Sé – Pilão Arcado Afogadas no tempo (PENNA, 1983, f. 19)

A escolha por essas expressões, por parte de quem assina o texto, relaciona-se diretamente com a intenção em utilizar palavras que representem símbolos ligados à afetividade. Esta seleção é uma forma de resgatar uma memória que pudesse ser esquecida pelos moradores locais. O mesmo ocorre no seguinte excerto de “Xique-Xique...”

VEM MINHA GENTE  
VEM ME OUVIR  
QUE ASSIM EU VOU CONTAR  
UMA ESTÓRIA DE GENTE E TERRA  
HISTÓRIA DE UMA CIDADE  
QUE SE CHAMA XIQUE-XIQUE (PEREIRA, s.d., f.1)

No texto assinado por Sônia Pereira, busca-se da mesma forma resgatar elementos que se referem à identidade local, na busca da memória

através de sua história, materializando este processo no registro escrito. É possível entender, a partir da análise dos textos, aspectos que marcaram culturalmente os espaços representados nos textos teatrais. Pode-se, pois compreender a partir da perspectiva da Crítica Filológica, de que forma os elementos geográficos aparecem simbolizando, assim, os territórios de identidade retratado em cada uma das obras.

O seguinte excerto de “Auto da Barca...” representa bem a leitura geográfica que pode ser feita a partir da crítica filológica:

Ainda me lembro  
Do meu tempo de criança  
Esquisito era a carranca  
E o apito do trem  
Achava lindo quando a ponte levantava  
E o vapor passava  
Num gostoso vai e vem  
Petrolina Juazeiro (PENNA, 1983, f. 16)

O primeiro aspecto a ser considerado é o de que este excerto é, na verdade, fragmento da música *Petrolina Juazeiro*, do compositor Jorge de Altinho. Mostra o cuidado de Jurema Penna em utilizar um fragmento de outro texto criado por um artista local, sendo este um exemplo da busca pela representatividade identitária. Assim como afirma Almeida (2012, p. 176) “[t]rata-se de apropriações que implicam a reprodução textual e a ampliação dos limites de significações do texto citado pelo entorno no qual ele será inserido”.

Outro aspecto importante é o que estes versos previamente selecionados, dentre outros que poderiam ser, apontam: o resgate da memória, da infância e das relações que permeavam aquele povo em determinado momento de sua história de vida. Em “o apito do trem” e “o vapor passava” nota-se como era feita a circulação das pessoas naquele ambiente, exemplificando algumas das relações estabelecidas socialmente naquele *lugar* e isso está claramente representado no texto.

Nas palavras de Chartier, sobre o texto, (2002, p. 62) “[...] é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O ‘mesmo’ texto, fixado em letras, não é o ‘mesmo’ caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação.” Ou seja, a seleção deste trecho da música, utilizado nesta ordem, sem alterar seu posicionamento no texto teatral criado, denota a intenção da autora em mantê-lo tal qual o original. Lido nesta sequência, retrata uma situação importante de resgate da memória da

infância, o que poderia ser modificado caso a escolha pela ordem da escrita fosse alterada.

Dessa forma, o estabelecimento da identidade do lugar vai se configurando na escrita das autoras a partir da seleção prévia de outros textos que tenham relação direta com os objetivos do projeto. Isso mostra como é possível entender questões geográficas nos textos de teatro através do entrelaçamento entre a Crítica Textual<sup>121</sup> e a Geografia.

#### **4. Considerações finais**

A Geografia, ciência que permite ler o mundo sob vários aspectos e perspectivas, pode auxiliar na (re)leitura de diversos contextos sociais. A utilização do texto escrito como instrumento de informação para o entendimento, mesmo que parcial, do mundo como ele se apresenta enriquece as possibilidades de diálogo interdisciplinar entre essa ciência e a Filologia. A leitura desses dois textos aqui selecionados representa a tentativa de estabelecer vínculos entre as duas áreas do conhecimento para que os territórios de identidade baianos possam ser, assim identificados, para além de estudos pautados em textos puramente teóricos.

Em meio a essa busca, partindo do diálogo possível entre a Filologia e a Geografia, é possível reconhecer que ao se tratar de aspectos identitários, a ciência geográfica através de duas das suas categorias de análise, *lugar* e *território*, pode favorecer o entendimento, mesmo que sendo apenas uma possibilidade de leitura, dos territórios de identidade na Bahia a partir de textos literários. Entender o território como espaço simbólico a ponto de constituir uma identidade remete à ideia de estruturação de um lugar, de um sentimento de pertencimento por parte do grupo que nele se insere. Se entende, assim, que os conhecimentos sobre a composição desses territórios e sua dinâmica pode ser identificada nos elementos simbólicos presentes nos dois textos.

Essa perspectiva investigativa possibilita novos olhares sobre o objeto de estudo, o que favorece o caminho interdisciplinar na pesquisa. A interface entre Filologia e Geografia é relativamente recente, no entanto, é preciso ampliar as percepções quanto a seu aspecto puramente

---

<sup>121</sup> Embora possa ser questionado a retomada da Geografia Linguística neste trabalho, seu uso não é viável por reduzir as reflexões sobre a língua numa perspectiva apenas cartográfica, isto é, na identificação de expressões regionais sem, contudo, estabelecer uma reflexão sobre seu uso e significado, o que se pretende nas reflexões deste artigo.

cartográfico, ao que passo que este buscava apenas delimitar estudos linguísticos de forma regionalizada.

Para além deste aspecto, nota-se no atual contexto moderno, o diálogo entre as múltiplas faces identitárias que se apresentam nos espaços com a tentativa de resgate de uma única identidade local. O Projeto Chapéu de Palha teve como objetivo o estabelecimento dessa identidade ao passo que se reconhece a especificidade de cada comunidade por onde passou.

A retomada de elementos que resgatem a memória de um coletivo é a tentativa de se recuperar e reforçar os vínculos de pertencimento. Em meio a este processo, o indivíduo, sujeito de sua própria história, participa ativamente dessa reconstrução de significados. Memória e identidade caminham juntas, trazendo à tona o diálogo entre um sujeito que é pluri e a proposta de se retomar uma identidade local, regional, única. A singularidade dos espaços, diante das múltiplas representações que o mundo pós-moderno apresenta, aparece através da resistência e da intenção de permanecer com tudo o que traz especificidades para uma determinada comunidade nos espaços de vivência.

É necessário compreender o texto teatral nesta lógica para que se possa entender, em parte, como essa realidade social nele aparece. Não se pode dissociá-lo de seu contexto social de elaboração. Em sua materialidade, por exemplo, muito é informado sobre quem o produziu, momento histórico de produção e circulação assim como todos os elementos que influenciaram seu estabelecimento. Todos esses enfoques, juntos e correlacionados, permitem interpretações das mais diversas de um determinado contexto a partir do que está registrado no suporte material.

A Filologia entendendo o texto no concerne de sua produção, permite interpretá-lo transcendendo seu aspecto puramente material. Os textos teatrais em questão contém, em si mesmos, uma gama enorme de elementos culturais através do uso de palavras e expressões. No caso específico dos aqui selecionados, foram criados em um momento de busca por uma identidade, representando dois dos municípios do estado da Bahia.

Tendo com agente financiador do projeto Chapéu de Palha, o Estado, o mesmo aparece anos depois na determinação dos territórios de identidade do São Francisco e de Irecê. Isso mostra como o Estado se coloca como grande detentor de delimitação destes territórios assim como de tudo o que lhe caracteriza.

Considera-se assim, que a interdisciplinaridade, característica intrínseca à Filologia permite o avanço nos estudos de outras áreas do conhecimento como a Geografia. A crítica filológica é um importante meio para a análise geográfica e o texto fonte riquíssima de informações sobre o espaço. A relação entre as duas áreas quebra barreiras disciplinares e corrobora para o entendimento de um fragmento da realidade de uma forma muito mais abrangente, permitindo pois, a ampliação de suas perspectivas de análise.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Isabela S. Edição interpretativa em meios digitais. In: SANTOS, Rosa Borges dos et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

ALMEIDA, Isabela S.; BORGES, Rosa. Escritas e sujeitos na cena dramática baiana. In. LOSE, Alícia D.; SOUZA, Ariovaldo S. (org). *Palografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. de Flúvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FLORES, Cintya D. *Territórios de identidade na Bahia: Saúde, Educação, Cultura e Meio Ambiente frente à Dinâmica Territorial*. 2014. 162 f. Dissertação de Mestrado em Geografia (Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências). Salvador: UFBA, 2014.

FRANCA, Lena. Chapéu de palha: o resgate da memória popular. In: *Boletim da INACEN*, Juazeiro, 1 jul. 1984.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A E, 2006.

HAESBAERT, Rogério. *Por amor aos lugares*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2017.

\_\_\_\_\_. *Território, poesia e identidade*. Rio de Janeiro: UFF, 1995.

PENNA, Jurema. *Auto da Barca do rio das lágrimas de Irati*. Juazeiro, 1983.

PEREIRA, Sônia. *Xique-Xique, chique estória*. Xique-Xique, s.d.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. Trad. de Marília Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *Por uma nova Geografia*. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

SANTOS, Rosa Borges dos; SOUZA, Arivaldo Sacramento. Filologia e Edição de texto. In: SANTOS, Rosa Borges dos *et al.* *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Bahia. Territórios de Identidade: estado da Bahia. Bahia, 2016. 1 mapa. Escala 1:2.250.000. Disponível em: <[http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ\\_ident\\_2v25m\\_2016.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ_ident_2v25m_2016.pdf)>. Acesso em 20 jun. 2018.